Capítulo 25
A crise do Império Romano

O sistema econômico, social e político do Império Romano funcionou bem nos dois primeiros séculos da Era Cristã. A partir do século III, começou uma crise que levou o sistema à desintegração no século V.

1. O escravismo

O sistema econômico na época de Augusto baseava-se no trabalho escravo. Toda produção vinha das grandes propriedades, os latifúndios. Proprietários de terras e comerciantes tinham muito lucro. O governo arrecadava, exceto na Itália, onde não havia impostos, os recursos com que pagava a administração pública. Os legionários exerciam papel importante: suas expedições abasteciam o Império de escravos.

A causa da crise iniciada no século III foi a diminuição da produção nos latifúndios, devido à falta de escravos, explicada por três fatores:

1. *Fator militar* — Para garantir boa produção, era preciso haver escravos baratos e abundantes. Mas as guerras ofensivas diminuíram a partir do início do Império. O número de escravos caiu e o preço subiu. O trabalho escravo chegava a dar prejuízo.

2. *Fator religioso* — Os cristãos, já numerosos no século III, consideravam a liberdade um dom natural e a libertação de escravos um ato piedoso, que contribuía para a salvação da alma.

3. *Fator econômico* — No século III, os latifúndios começavam a ser divididos em pequenas propriedades. Manter muitos escravos às vezes custava toda a produção do latifúndio. As invasões bárbaras facilitavam as fugas.

2. O colonato e a ruralização

Os proprietários escolheram o *arrendamento* como saída. Os camponeses se sustentavam trabalhando um pedaço de terra arrendado. Em troca, trabalhavam alguns dias por semana na terra do proprietário. Os escravos foram diminuindo e alguns chegavam a comprar seu lote, tornando-se homens livres. Assim, o escravo se elevou à condição de *colono*. Mas também muitos homens livres foram rebaixados à condição de colonos. De fato, o colono não era livre, mas preso à terra, e para sempre.

Outras pessoas se transformaram em colonos, como os *plebeus urbanos*, escapando à crise; os *bárbaros*, fugidos das guerras no mundo germânico; e os *pequenos proprietários livres*, que punham suas terras sob proteção de um grande proprietário para escapar aos cobradores de impostos.

Ocorreu uma ruralização. A unidade de produção (o latifúndio com seus colonos) tornou-se quase auto-suficiente. O campo era mais seguro que a cidade. O centro da produção passou a ser a *vila*, protegida por muros e fossos. Na vila, morava o senhor e, em volta, os dependentes dele.

Com a queda de produção, baixou o lucro de proprietários e comerciantes. As vilas começaram a produzir de tudo. As cidades entraram em crise. A cobrança de impostos ficava cada vez mais difícil. Sem recursos, o Estado aumentou os impostos e encarregou os grandes proprietários de cobrá-los. A máquina administrativa descentralizou-se.

Isso não resolveu os problemas. Os legionários, exigidos por toda parte por causa das invasões bárbaras, queriam sempre melhores salários. As despesas militares aumentavam. Não conseguindo dinheiro com os impostos, o Estado passou a emiti-lo. Agora havia dinheiro, mas não produtos suficientes. Quem tinha produtos, aumentava os preços. E os preços subiam mais do que os salários. Era a inflação, um fenômeno bem antigo, como se vê.

Sem condições de arrecadar mais, a máquina estatal enfraqueceu-se. O governo reduziu despesas, deixando de sustentar a plebe, limitando o luxo, dispensando funcionários e reduzindo os contingentes militares. Adotou então novas formas de segurança. Nas fronteiras, fixou os *aliados* (federados), bárbaros que recebiam terra com a condição de defendê-la contra a invasão de outros povos. Nas legiões, lutavam agora quase só bárbaros.

Esse processo de ruralização econômica e descentralização política e administrativa preparava o surgimento do sistema feudal.

3. Reformas políticas, sociais e econômicas

A partir de 235, o Império começou a ser governado pelos imperadores-soldados, comandantes das fronteiras cujo principal objetivo era combater as invasões. Em 284, subiu ao trono Diocleciano, excelente governante. Para evitar as brigas durante a sucessão, introduziu o sistema da *Tetrarquia*, isto é, governo de quatro imperadores.

Diocleciano ficou com o Oriente, capital Nicomédia. Confiou a Maximiano o Ocidente, capital Milão. Os dois imperadores intitularam-se *Augustos*. Cada um era ajudado por um imperador subalterno, o *César*. Os Césares deviam substituir os imperadores depois devinte anos e nomear dois novos Césares.

O imperador tinha poder absoluto. Para alguém ficar em sua presença, havia cerimônias minuciosas. O exército era comandado por um *mestre da cavalaria* e um *mestre da infantaria*. Os generais recebiam o título de *duques*.

Os cidadãos classificavam-se de acordo com o nascimento. Havia os *claríssimos*, donos de vilas e propriedades; *perfeitíssimos*, funcionários privilegiados; *curiais*, ricos arruinados, responsáveis pela cobrança de impostos; e *humilitores*, camadas inferiores, de artesãos agrupados em corporações (*collegia*) e colonos das vilas.

Com o Edito do Máximo, em 301, Diocleciano fixou o máximo que se podia cobrar e pagar pelos produtos; e estabeleceu o valor dos salários. Procurava, com essa medida, diminuir a inflação.

Após a morte de Diocleciano, os imperadores entraram em guerra. Saiu vencedor Constantino, que governou de 313 a 337. Deu ao Império o caráter de uma monarquia oriental. Legalizou o cristianismo, fundou Constantinopla (hoje Istambul) e para lá transferiu a sede do governo.

4. As invasões bárbaras

No século V, o Império Romano do Ocidente chegava ao fim, com as invasões bárbaras, facilitadas pela pressão dos *hunos*, guerreiros mongóis que montavam pequenos cavalos e usavam enormes arcos, com os quais atiravam flechas infalíveis.

Com medo dos hunos, os *visigodos* pediram abrigo. O imperador Valente alojou-os na Macedônia. O ataque dos hunos não ocorreu, e os visigodos passaram a expandir-se. Valente tentou expulsá-los, mas morreu na Batalha de Andrinopla, em 378. Para acalmar os visigodos, o novo imperador, Teodósio, concedeu-lhes terras.

Antes de morrer, em 395, Teodósio dividiu o Império em duas partes: *Império Romano do Ocidente*, capital Milão, entregue a seu filho Honório; e *Império Romano do Oriente*, capital Constantinopla, entregue a outro filho, Arcádio. Dois chefes bárbaros ajudariam os novos imperadores: Rufino, no Oriente; e Estilicão, no Ocidente.

Em 402, o rei visigodo Alarico tentou invadir a Itália, no entanto Estilicão o derrotou. Com a morte de Estilicão, Alarico voltou a atacar e recebeu um resgate para não tomar Roma. Mas, em 410, os visigodos saquearam a cidade. O imperador fugiu e Alarico capturou sua irmã Placídia.

Depois da morte de Alarico, seu cunhado Ataulfo, agora casado com Placídia, ocupou a Península Ibérica e o sul da Gália. Os visigodos consideravam-se aliados dos romanos e fixaram sua capital em Toulouse, sob a chefia de Wallia, irmão de Ataulfo. Nascia o *Reino Visigótico* dentro das fronteiras do Império Romano do Ocidente.

O avanço final dos bárbaros

Em 406, *vândalos, suevos, alanos* e *quados* invadiram o Império. Os vândalos cruzaram a Gália, ocuparam a Espanha e atingiram a África, onde formaram o *Reino dos Vândalos*, sob a chefia de Genserico, com capital em Cartago. Dali, chegaram a saquear Roma em 455.

Os *burgúndios* fundaram seu reino, com capital em Worms, no vale do Rio Ródano em 443. *Anglos, saxões* e *jutos* estabeleceram-se na Bretanha. *Francos*, na Gália do norte. Átila, rei dos hunos, chegou às portas de Roma. Recebeu um resgate do papa Leão I para não saquear a cidade e, voltando à Panônia, morreu e os hunos se dispersaram. Os romanos só controlavam a Itália; no resto do Império ocidental, mandavam os bárbaros, reconhecidos como aliados.

Em 476, o Império ruiu de vez. Um antigo lugar-tenente de Átila, Orestes, sagrou o filho Rômulo Augústulo imperador, após assassinar o imperador Júlio Nepos. No mesmo ano, Odoacro, rei dos *hérulos*, derrubou Rômulo e declarou-se rei da Itália, aliado de Zenão, imperador em Constantinopla.

Em 488, Zenão fez acordo com Teodorico, rei dos *ostrogodos*, e concedeu-lhe a Itália. Teodorico lutou diversos anos para expulsar os hérulos. Fundou o *Reino Ostrogótico*.

5. O legado cultural de Roma

Os romanos transmitiram a cultura grega e oriental aos bárbaros, que a transmitiram ao mundo moderno e contemporâneo. Não deixaram nenhuma invenção significativa. Em compensação, deixaram notáveis ensinamentos no campo militar, na administração, Arquitetura e, acima de tudo, no campo do Direito e da prática política. O Direito Romano é a base da ciência do Direito de todos os povos contemporâneos.

Sua língua, o latim, deu origem a numerosas outras: português, espanhol, francês, italiano. O sistema de administração municipal, as termas, teatros, aquedutos, a organização da Igreja Católica, o ideal de liberdade dos homens que viveram na República de Roma foram outras contribuições importantes da civilização romana aos homens de hoje.

Questões propostas

1. Como era o sistema econômico do Império Romano no século III e por que entrou em crise?

2. Quais as principais conseqüências da ruralização econômica do Império Romano?

3. Quais as medidas que Diocleciano tomou para enfrentar a crise, nos planos político, social e econômico?

4. Que fatos marcam o governo de Constantino?

5. Resuma as invasões bárbaras do século V.

6. Quais as principais contribuições romanas para o mundo moderno?

Guerreiro visigodo
(miniatura de 109).

Estilicão, general vândalo
a serviço de Roma.